

O ENSINO DE TEATRO NAS ESCOLAS DE NÍVEL FUNDAMENTAL DE CRUZEIRO DO OESTE (PR)

Loane Nayara de Paula

Profa. M.Sc. Fabiana Aparecida de Carvalho

RESUMO: O trabalho objetivou analisar as contribuições do ensino de teatro, ofertado no ensino fundamental, em escolas do Município de Cruzeiro do Oeste (PR). Buscou-se estabelecer relações entre as artes cênicas e as habilidades infantis, considerando a estrutura do pensamento na infância, a importância do jogo, do faz de conta e das brincadeiras nos processos de cognição e crescimento. Foram entrevistados adolescentes que tiveram vivências teatrais escolares nos primeiros anos de escolarização e que participaram de algumas oficinas teatrais durante a infância. A pesquisa guia-se pelos pressupostos teóricos de Vygotsky e de autores no âmbito do teatro e da educação. Os resultados permitem refletir sobre a importância do teatro para além do âmbito pedagógico de seu ensino, como, também, registra os sentimentos deixados nos participantes durante suas vivências e formações.

Palavras-chave: Teatro na escola; Jogos Teatrais; Vygotsky.

INTRODUÇÃO

A relação entre teatro e educação vem de tempos imemoriais. Desde a Grécia antiga, onde a linguagem cênica ajudou a compor o pensamento ocidental, até as dinâmicas atuais nos palcos e ruas, o teatro é uma arte que articula diversas áreas do conhecimento humano.

Vários autores (REVERBEL, 1997; JAPIASSU, 2007; OCHOA; MESTI, 2009) já endossaram a importância da linguagem teatral para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e grupos sociais. Conforme apontam Ochoa & Mesti (2009), a preocupação com o desenvolvimento da criança nas atividades de teatro tem sido destacada e enfatizada nos estudos que envolvem a arte dramática na escola.

Também entre os autores da área de psicologia, que compartilham com a ideia de que meios e recursos podem constituir um canal de mediação para a aprendizagem, os jogos e atividades teatrais são situados como importantes canais criativos dentro processos de interação com o outro e para a estimulação das

funções psicológicas das crianças em suas diferentes manifestações cognitivas. De acordo com Vygotsky (2000), o desenvolvimento do pensamento infantil se dá na interação social e individual, na qual se articulam o âmbito afetivo e o cognitivo.

Segundo esses pressupostos, podemos partir da ideia de que o teatro é uma abordagem diferenciada para se processar e se estabelecer o vínculo entre o inteligível e o subjetivo na fase pueril. Por meio de vivências teatrais, a criança pode interagir com seu contexto e com as pessoas que a cercam, ampliando sua memória, suas operações lógicas, sua imaginação e seus vínculos afetivos.

Para Japiassu (2007), a teatralidade é uma modalidade importante da comunicação, quer ela seja cênica, quer ela seja corporal, e deve estar presente na escola para a criação de experiências estéticas, apreciativas e para o desenvolvimento das habilidades cognitivas. O autor defende o faz de conta infantil como exemplo de uma modalidade lúdica e espetacular que dimensiona o agir como outra pessoa ou dentro de outra circunstância.

Ao vivenciar o faz de conta proposto em um jogo teatral, a criança aumenta sua percepção e se sensibiliza para outros aprendizados além dos que já estão embutidos em sua escolaridade.

A presente pesquisa visa entender essa arte como um importante canal no processo de desenvolvimento integral da criança. Dessa forma, propõe analisar o ensino de teatro nas séries iniciais do Ensino Fundamental por meio de entrevistas que narram algumas vivências práticas ocorridas em escolas públicas do Município de Cruzeiro do Oeste (PR), que ofertaram, em algum momento, o aprendizado através do teatro em qualquer modalidade (oficina, artes, etc).

Essa pesquisa se amparou em algumas referências teóricas de Vygotsky acerca do desenvolvimento cognitivo, do desenvolvimento proximal e do teatro que vieram contribuir para a análise das informações. Tem o intuito de dimensionar a compreensão do uso do teatro na escola e nas experiências que consideram o social, o emocional, a motivação de novas descobertas e as relações significativas entre arte e desenvolvimento humano.

TEATRO, JOGOS E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA:

Ao pensarmos em teatro na escola, num primeiro momento, imaginamos uma atividade festiva, de animação que teria a finalidade de comemorar alguma data

especial, com caráter de espetáculo datado a ser apresentado para a comunidade em um momento importante da cidade ou do planejamento escolar. Essa concepção se encontra no bojo das práticas pedagógicas realizadas em muitas escolas; são, porém, reflexos de práticas superficiais e com pouca dimensão formativa, uma vez que apenas priorizam habilidades memorísticas e a capacidade de destaque de alguns alunos. A ideia do “teatrinho” ou da “comemoração” também reduz a importância da formação estética e artística das crianças; faz com que a prática teatral atenda apenas a necessidade de um grupo, deixando de lado seu caráter formador, potencializador e aglutinador dentro da escola.

Quando refletimos sobre o ensino teatral na escola e sua contribuição para a formação intelectual da criança, devemos tomar como ponto de partida o próprio desenvolvimento infantil e suas interações com o meio social.

Antes mesmo de qualquer aluno estar inserido no ambiente escolar, ele traz consigo conhecimentos e interações vivenciadas em sua família, em sua rua, em seus outros espaços de convivência social. Logo o conhecimento a ser aprendido e vivenciado na escola não começa do zero.

Quando a criança inicia sua vida escolar ela já traz a teatralidade como potencial de habilidade a ser desenvolvida nas brincadeiras de faz de conta. Para Zoia Prestes, a brincadeira é uma atividade-guia, pois norteia o desenvolvimento à medida que a criança vai estabelecendo percepções, vivências de modelos, imaginação e raciocínio.

A expressão atividade-guia não significa que seja a atividade que mais tempo ocupa ou que seja a mais importante ou a única presente naquela etapa do desenvolvimento. É guia porque, em certa idade, vai guiar o desenvolvimento psicológico da criança, gerando neoformações. Cada atividade-guia surge dos conflitos antecedentes numa relação dialética (PRESTES, s/d. p.02).

Presente na vida da criança de forma espontânea, a teatralidade pode ser vista como uma brincadeira lúdica coletiva e individual, e isso pode explicar o motivo pelo qual as crianças gostam de praticar atividades de faz de conta, de imitação de seus professores, de imitação de seus pais, de desenvolvimento de papéis e interações. O lúdico está sempre presente nos jogos teatrais com o uso da

imaginação, com a criatividade e com a liberdade de expressão da mesma.
Vivenciar brincadeiras é vivenciar uma construção:

A importância do brincar para a criança é uma construção histórica, quando brinca a criança experimenta sensações antes desconhecidas, entra no mundo do adulto, reproduz as relações sociais e de trabalho de forma lúdica e se apropria do mundo em seu processo de construção como sujeito histórico social (GUIMARÃES, 2008. p. 26).

A brincadeira e o faz de conta são recomendados por autores que adotam a ideia de construção histórico-cultural como: Vygotsky (2007), que nos lembra dos fatores sociais e da mediação por meio de pessoas e recursos para a formação de uma zona de desenvolvimento onde se tem a construção do raciocínio; Àries (1981), dentro de seus estudos sobre a evolução da infância na história; Japiassu (2007), que estuda o teatro na escola.

Embora a brincadeira se dê de uma maneira intuitiva na vida da criança, o jogo teatral envolve uma ação que desperta o pensamento, a experimentação, o trabalho e a cognição.

Já o teatro, nos trabalhos que o reconhecem como recurso educacional, tem sido objeto de estudo de pesquisadores como Ricardo Japiassu (2007), Olga Reverbel (1997), Maria Clara Machado (2009) entre tantos outros que dedicaram suas produções para registrar o quanto seus efeitos são importantes na educação e na formação dos indivíduos.

No contexto educacional brasileiro da atualidade, os PCN determinam os objetivos e as abordagens para a área de artes e para o ensino de teatro, enfatizando o papel do jogo:

Cabe à escola estar atenta ao desenvolvimento no jogo dramatizado oferecendo condições para o exercício consciente e eficaz, para aquisição e ordenação progressiva da linguagem dramática. Deve tornar consciente as suas possibilidades, sem a perda da espontaneidade lúdica e criativa que é característica da criança ao ingressar na escola (BRASIL, 1997. p.57).

No Estado do Paraná, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica para Arte colocam o teatro como oportunidade para os educandos desenvolverem habilidades de atuação na sociedade através das vivências oportunizadas por essa arte:

Na escola, a dramatização evidenciará mais o processo de aprendizagem do que a finalização, a montagem de uma peça. É no teatro e em seus gêneros, propostos como jogo do riso, do sofrimento e do conflito, que se veem refletidas as maneiras de sentir o mundo por meio de um ser criado (a personagem) num mundo criado (a cena) (PARANÁ, 2008. P. 81).

Percebe-se que a educação teatral é de suma importância para o desenvolvimento da criança, principalmente porque ela necessita participar socialmente de maneira completa, agregando à sua formação sentimentos, emoção, fala, consciência corporal, o raciocínio e a criatividade.

Seguindo as recomendações, os professores podem criar um espaço cênico para a criança desde a pré-escola, propiciando momentos para a exposição de ideias e sentimentos com atividades individuais e grupais junto à vivência dos jogos teatrais. O teatro, portanto, é uma arte que promove a linguagem, a interação, o desenvolvimento de habilidades como o pensamento e a imaginação que irão orientar o desenvolvimento da criança e de seus sentimentos.

Em seu processo de desenvolvimento, a criança desenvolve ideias, comportamentos e sentimentos que, primeiramente, são externos e depois se internalizam cognitivamente, por isso a interação com o outro na promoção do seu desenvolvimento deve ser valorizada. Logo, o papel do professor, nesse contexto, seria mediar meios que propiciem acesso a esse conhecimento.

Essas considerações vão ao encontro dos pressupostos teóricos de Vygotsky. Esse autor enfatiza que pela interação social a criança tem acesso aos modos de pensar e agir de seu grupo próximo. Ela vai compartilhar a cultura, as formas de raciocínio, as diferentes linguagens (a música, a matemática, o teatro), as tradições, os costumes, as emoções, etc... A utilização de meios, recursos, aproximação com pessoas, imitações é uma característica humana que permite a compreensão do meio e o desenvolvimento de habilidades específicas para utilizá-lo.

Na repetição e assimilação de papéis, cada criança tem maiores vivências sociais, cria sua própria maneira de ver o outro, de analisar todos os sujeitos da sociedade, de se socializar e de interpretar cada papel como ela acha que deve ser.

Pensando na escola, Japiassu diz que a interação dos sujeitos com ao processo de internalização conduz ao desenvolvimento de capacidades mentais e sociais:

[..] é o processo de internalização da atividade tipicamente humana que conduz o sujeito a reproduzir as capacidades mentais formadas historicamente esse processo só é possível com o aprendizado de novas modalidades de ação e funcionamento psíquico, com base em intervenções pedagógicas de natureza informal e formal por parte de membros mais experientes do grupo cultural no qual se encontra o aprendiz (JAPIASSU, 2007. p. 51).

Ao participar de atividades teatrais, a criança começa a voltar o olhar para sua ação, analisando-a e construindo uma capacidade crítica que lhe permite refletir e repensar sua ação e então aprimorá-la. Tais atividades deixam claro para ela quem ela é ou pode vir a ser.

Assim, o fazer teatral colabora com o desenvolvimento integral da criança, permitindo-lhe enxergar mais criticamente o mundo que a rodeia e garantindo a possibilidade de escolha consciente. De acordo com Vygotsky & Luria, esse tipo de relacionamento com uma prática permite à criança algo novo para seu desenvolvimento:

[...] a criança não se limita, na realidade, a mudar de lugar no sistema de relações sociais. Ela se torna também consciente dessas relações e as interpreta. O desenvolvimento de sua consciência encontra expressão em uma mudança na motivação de sua atividade; velhos motivos perdem sua força estimuladora, e nascem os novos, conduzindo a uma reinterpretação de suas ações anteriores. [...] uma nova atividade principal surge, e com ela começa também um novo estágio de desenvolvimento (VYGOTSKY & LURIA, 2006. P. 82).

Vygotsky e Luria (2006) também defendem que o conhecimento é primeiramente externado pela cultura mediada pela função do signo, e que,

posteriormente, o conceito atribuído será internalizado desenvolvendo os aspectos cognitivos e afetivos. Portanto, existe uma relação essencial entre o desenvolvimento da criança e o aprendizado, pois os dois ocorrem ao mesmo tempo; assim, não podemos limitar a criança só porque pensamos que a mesma não está na idade correta, na verdade cada uma delas teve um estímulo e uma relação diferenciada com as pessoas que conviveram em seu meio antes mesmo de vir à escola.

A mediação e internalização ocupam um lugar central na visão de Vygotsky. Na escola é o professor quem atribui à função sígnica o lugar de principal mediador. Este deveria propiciar à criança oportunidades para que ela possa exercer a criatividade. Isto pode ser oportunizado nas aulas de teatro, dança, música e artes visuais, desenvolvendo nesse momento o potencial artístico que existe nela, buscando em elementos já internalizados na mente, soluções, ampliando seu desenvolvimento cognitivo.

[...] a criação artística permite à criança exercitar seus desejos e formar novos hábitos; dominar o funcionamento dos processos de representação semiótica; formular e comunicar-se satisfatoriamente por meio de diferentes linguagens e desenvolver a modalidade categorial de pensamento (pensamento verbal) (JAPIASSU, 2007. P. 24).

Para determinar a relação real entre a capacidade de aprender e o processo de desenvolvimento, Vygotsky aponta a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que se encontra entre o nível de desenvolvimento real, aquilo que a criança já internalizou, e a capacidade potencial de aprendizado, o que ela ainda irá aprender. Esses níveis, real e proximal, são determinantes para avaliarmos como está o estado de desenvolvimento mental da criança.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionários (VYGOTSKY, 2007. p. 98).

Na perspectiva sócio-histórica, o jogo, o brinquedo, tudo aquilo que utilize a imaginação faz parte do processo de desenvolvimento da criança. Esses processos

lhes trazem um desafio e uma estimulação para a criação de representações do mundo e para o desenvolvimento de seus processos cognitivos, onde a brincadeira ocupa o lugar de mediadora do desenvolvimento. Para o autor:

[...] o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade (VYGOTSKY, 2007. p. 118).

Atrelado ao brincar, o jogo no teatro se encontra como estímulo para a espontaneidade, observação, percepção, relacionamento com o outro e imaginação, compondo, também, uma zona de desenvolvimento proximal.

O jogo teatral, além de explorar o ato criador da criança, possibilita o reconhecimento de seu corpo e do corpo do outro, trabalhando, também, a interação entre a turma toda que entra na brincadeira. REVERBEL (1997) ainda reforça que “o aluno deve ser considerado como um ser em constante crescimento, segundo suas capacidades individuais de escolha e seus poderes de invenção originais”. (REVERBEL, 1997. p. 12)

Nesse processo, o professor se torna o mediador do conhecimento e das atividades, transmitindo ao aluno a segurança necessária para o desenvolvimento das atividades, dos jogos e das brincadeiras, e estabelecendo novos rumos para se atingir a ZDP.

O professor, elemento do meio social, situar-se-á sempre junto ao aluno e seu grupo; deverá imaginar temas que estimulem todos a descobrir as suas potencialidades pessoais e os meios de utilizá-las (REVERBEL, 1997. p. 12).

A autora ao destacar as potencialidades, reforça a ideia de que o fazer teatral age na ZDP; quando a nova aprendizagem, vinda pelo jogo, se internaliza, ela deixa de ser potencial e se torna automaticamente real.

Mesmo falando da importância da ZDP e da mediação junto a jogos e brincadeiras teatrais, Vygotsky (apud BARROS et all, 2011) nos lembra que a criação teatral infantil não deve imitar ou reproduzir diretamente as formas do teatro adulto. Essa visão de interpretação ou repetição do que foi feito por outra pessoa,

num processo de mimese simplificada, empobrece o processo criativo infantil, que tem sua própria característica. Para as crianças, devem-se considerar as peças, jogos, elementos compostos ou propostos por elas mesmas.

Nesta ação, conforme Vigotski, as crianças estarão exercendo a sua atividade criadora, pois irão combinar e reelaborar elementos da sua experiência anterior, experiência que, na concepção do autor, é pessoal, mas ao mesmo tempo social e histórica, por isso dará origem a novas imagens, ações, situações, etc (BARROS ET ALL, 2011, p. 234).

Cabe, então, como adultos e formadores tomarmos consciência sobre o papel dos jogos teatrais e das práticas de encenação na escola, visando estabelecer essa zona de mobilização da aprendizagem, além de incluir nas dinâmicas de nossos planejamentos aspectos como o lúdico, a criatividade, o improviso, o trabalho coletivo, o tempo de criação, a formação estética, entre outros.

As atividades artísticas, portanto, privilegiam a interação social e a ação das crianças ao estimular o desenvolvimento da imaginação, o uso da linguagem e a criação da zona de desenvolvimento. Nesse sentido, o teatro é fundamental para a interação sócio-cultural, para o aprimoramento da linguagem e para a comunicação afetiva.

Pensando nos aspectos aqui relacionados e lembrando da importância do teatro na vida de adolescentes que passaram por vivências teatrais, fizemos uma imersão nas experiências de alguns jovens que tiveram contato com o ensino de teatro nas escolas de Cruzeiro do Oeste e, através de entrevistas, abordamos a importância do teatro na escola.

O ENSINO DO TEATRO EM CRUZEIRO DO OESTE

Para conhecermos as vivências dos adolescentes com o teatro, no âmbito do ensino fundamental, optamos pelo desenvolvimento de entrevista/questionário, para que os estudantes pudessem expressar suas experiências, seus sentimentos e motivações com suas respostas em torno das experiências teatrais; essas técnicas possibilitam a interpretação de dados a partir do ponto de vista dos pesquisados

(GIL, 2002) e a coleta de relatos pessoais que permitem explorar a subjetividade no estudo e à compreensão de tema (NEVES, 1996).

Foram entrevistados 7 adolescentes, sendo 6 meninas e 1 garoto, todos estudantes do Ensino Fundamental pertencente à rede de escola pública, moradores de Cruzeiro do Oeste (PR), compreendendo uma faixa etária de 13 a 15 anos, que tiveram experiências de teatro em suas infâncias. Todos responderam os questionários na presença da pesquisadora.

Os dados, as opiniões e as considerações sobre o ensino de teatro nas escolas do município foram coletados nas entrevistas, aplicadas individualmente, que foram constituídas por 6 questões abertas:

1. Como entrou em contato com o teatro e com as oficinas teatrais? Onde foram desenvolvidas? Apresentar seus interesses e motivações.
2. A partir das experiências que você teve com o teatro, através das oficinas teatrais e apresentações, destacar as experiências importantes e como essa prática contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal, social e escolar?
3. Quais as suas identificações com as oficinas e com o teatro? Prazer? Dificuldades?
4. Como você superou os obstáculos durante sua vivência nas oficinas? Justifique?
5. Você continua participando de oficinas no Ensino Fundamental II, em sua escola? Se a resposta for sim, como se configura? Se for não, você sente falta da prática teatral para seu desenvolvimento pessoal?
6. Se participou das novas oficinas, destacar os pontos positivos, seus sentimentos acerca da prática teatral e se sua participação se diferencia das oficinas anteriores.

As respostas foram agrupadas e discutidas em categorias que permitem a análise do conteúdo das afirmações (BARDIN, 1994). Buscamos, sobretudo, compreender como se deu o contato dos adolescentes com a arte de encenar no momento em que vivenciaram as experiências, e, também, sua relação atual com essa arte. A análise está dividida em 3 categorias, descritas na sequência do texto, que objetivam dizer sobre a importância do ensino de teatro na infância e para a aquisição de habilidades e potencialidades de convívio.

O CONTATO COM O TEATRO E AS OFICINAS

De acordo com as entrevistas, todos os adolescentes entrevistados tiveram o primeiro contato com a arte cênica nas escolas do município com educação integral, nas quais o contra turno oferecia atividades diferenciadas, entre elas, as chamadas oficinas artísticas e esportivas.

Considerando a primeira questão sobre o lugar onde as atividades teatrais foram iniciadas nas experiências desses adolescentes temos as seguintes respostas:

“Na escola, quando eu estudava a segunda série. Na escola onde eu estudava era tempo integral e tinha várias oficinas” (L.G.R.S).

“Eu comecei a participar dos teatros através da escola, a professora e alguns amigos me chamaram e foram desenvolvidas na escola” (S.Q.J).

Como podemos notar, a escola foi a grande responsável por possibilitar esse contato.

Vale lembrar que não são todos os municípios que oferecem essa modalidade integral de ensino, porém sabemos que o teatro pode ser utilizado dentro da sala de aula como apoio do professor assim facilitando a aprendizagem e possibilitando o desenvolvimento das habilidades artísticas dos estudantes.

O teatro na escola é extremamente motivador para crianças e adolescentes, pois possibilitará o vínculo entre os aspectos emocional, cognitivo, motor e social enquanto as crianças interagem com seus mundos. Portanto, o ensino de teatro não pode se limitar somente à formação de ator, mas deve ser conduzido como um processo auxiliador e mediador do conhecimento cognitivo e social:

Com o fortalecimento da educação por meio das artes, começa-se a pensar o teatro de um ponto de vista que extrapola seu uso instrumental, passando a constituir ferramenta voltada para outros conteúdos extra-teatrais (NEVES & SANTIAGO, 2009. p. 37).

Ao relatarem de onde partiu o estímulo para iniciarem o contato com as artes cênicas, os adolescentes afirmaram que o convite partiu da professora de teatro e dos amigos que faziam parte do grupo teatral da escola.

Vale lembrar que, na época, além das oficinas teatrais regulares por turma, havia, também, o grupo de teatro da escola que se dedicava ao preparo dos estudantes para as apresentações, para o exercício de memorizar textos e de se expressar, direcionando-os para eventos da escola e cidade. Esse grupo era composto por estudantes que se interessavam e também por aqueles que se destacavam durante as oficinas e recebiam o convite da professora. Vejamos algumas respostas:

“Eu me interessei pelo teatro quando uma amiga me chamou para participar” (F.F).

“[...] a professora e alguns amigos me chamaram e foram desenvolvidas na escola.” (S.Q.J).

“Uma amiga de sala fez o convite” (T.F).

Conforme observamos nas respostas descritas, mesmo que, num primeiro momento, a criança sinta que a brincadeira e o jogo possam ser avessos à sua vontade, o estímulo de pessoas próximas, professores e amigos pode levá-la a se interessar pelo jogo com as palavras, pelas cenas que estão sendo montadas, pela expressividade de sua imaginação conforme vai interagindo nas dinâmicas. Os incentivos artísticos, nesse caso, são eficazes para mobilizar a ação da criança, proporcionando o seu avanço e o seu interesse.

Depois de conhecer as artes cênicas, mesmo que não sendo uma escolha inicial, mas algo previsto no currículo da escola, os alunos reconhecem seus gostos e potencialidades na vivência dessas artes. Fica evidente que cabe à escola possibilitar esse aprendizado.

VIVÊNCIAS: FACILIDADES, DIFICULDADES E SUPERAÇÃO

Nessa categoria, objetivou-se conhecer as vivências teatrais dos adolescentes enquanto estudantes do Ensino Fundamental: o que eles consideraram relevante nas experiências de oficinas teatrais; e, também, as marcas

positivas e negativas deixadas pelo teatro no âmbito escolar, social e pessoal. Levantamos, nesse grupamento, as dificuldades e identificações encontradas por eles durante as oficinas teatrais e durante algumas apresentações.

As questões relacionadas às experiências significativas, prazeres e dificuldades em relação ao teatro são enfatizadas pelas apresentações que participaram e pelas as amizades que se iniciaram nas atividades:

“Através do teatro eu fiz amizades e também me ajudou na interpretação, a memorizar melhor as coisas e também eu comecei a me concentrar melhor. Os teatros e experiências que eu fiz foi o teatro da Gracinda, da cola, da primavera” (S.Q.J).

“Eu gostava mais porque no teatro nós fazíamos muitas amizades, principalmente poder contar com uma amiga ou amigo” (T.F).

“Lembro também do casamento caipira, da festa junina, que teve uma parte que eu tive que desmaiar, tinha muito medo de cair de costas e a pessoa não me pegar” (T.F)

Nas falas citadas observa-se o aprendizado da confiança e da cooperação com o próximo. Essa relação entre os participantes de um grupo proporcionou o crescimento social e a aprendizagem coletiva vivida durante as vivências teatrais coletivas. Esse fator endossa o papel do outro dentro da formação da zona de mediação e do processo de desenvolvimento da criança. Considerando que “os jogos teatrais são dirigidos propositalmente para o outro, [...] traz-se à tona a exigência de colaboração e ajuda mútua entre os participantes” (CURATOLO, 2007. p. 02).

Enquanto os participantes interagiram e construíram novas amizades, considerando essas ações como brincadeiras e “coisas legais”, estiveram aprendendo com as experiências do fazer e do criar intuitivo, construindo uma ponte entre o que observaram e o que vislumbraram nas ações dos outros. As habilidades de memorizar, interpretar, concentrar, coletivizar, improvisar são elementos que se aprendem na interação entre os parceiros. Dessa forma, o teatro é a ferramenta para a percepção do fazer e do pensar individual e coletivo.

Com essas respostas, verifica-se o prazer em experimentar personagens e como a criança e o/a adolescente se sentem ao fazê-lo. Vygotsky (2007) destaca a

situação imaginária e o brinquedo dentro das regras e dos limites, demonstrando que o conceito que cada um/uma forma sobre um personagem ou uma situação pode desencadear percepções e motivações:

É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, em vez de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos sujeitos externos (VYGOTSKY, 2007. p. 113).

Para as crianças e adolescentes, esse aprender brincando torna o teatro não uma obrigação e sim um prazer.

Quanto às dificuldades mais presentes nas respostas, encontram-se a vergonha em falar em público, o gaguejar e decorar os textos:

“Os meus obstáculos eram vergonha e medo de as pessoas não gostassem de mim.” (F.R.A).

“Eu tinha muita vergonha de falar em público e também tinha dificuldade de decorar e ler.” (G.M)

Sobre a superação dessas dificuldades e obstáculos, os alunos responderam que as vivências em oficinas, a ajuda dos colegas e da professora do teatro contribuíram para que eles superassem seus medos e angústias.

“Eu superei essas dificuldades através do tempo e de algumas brincadeiras e também através dos personagens que eu interpretei” (S.Q.J).

Os entrevistados construíram um olhar diferenciado do que tinha antes de freqüentar os jogos teatrais ofertados na escola de ensino fundamental. Eles consideraram as atividades de encenação como importantes ferramentas para alcançarem o objetivo tão almejado: participar de uma peça de teatro.

A expressão artística, conforme afirmou Vygotsky, além de dar a positividade do meio, permite que as emoções e sentimentos como ansiedade, agressividade, medo, raiva, angústia sejam externadas. Nesse sentido, dentro das escolas, o teatro pode ser trabalhado como uma possibilidade de as crianças conhecerem melhor a si

e aos seus colegas, criando condições para a reflexão a respeito das próprias atitudes e possibilidades de mudança na convivência social.

CONTINUIDADE E PARTICIPAÇÃO EM NOVAS OFICINAS

Quando questionados sobre as vivências e oportunidades de atuar nas escolas onde estudam atualmente, e, também, sobre o vínculo sentimental que estabeleceram com o teatro, a resposta dos estudantes foram unânimes.

Nas escolas em que estão matriculados nos dias de hoje não existe qualquer iniciativa ou projeto voltado para as artes cênicas. Fora do contexto escolar também não há grupos ou oficinas ofertadas. Todos demonstraram muito o sentimento de falta em relação ao teatro:

“Não, onde eu estudo não tem oficinas teatrais, me faz muita falta.” (S.Q.J)

“Não, sinto sim, sinto muita falta, porque nós éramos conhecidas, brincamos e divertimos, então o momento durou pouco mas valeu a pena.” (T.F)

Eles descrevem a falta da prática teatral e das convivências que tinham com amigos durante as oficinas.

O teatro para esses estudantes foi significativo, considerando que as experiências vividas pelo sujeito estão diretamente ligadas a construção da atividade criadora, imaginação e ideias, tanto quanto escutar e ter conhecimento de vivências de outros que na relação social é possibilitada.

Inserido na escola, portanto, o teatro é um instrumento educativo poderoso e que deixa marcas na vida das pessoas. Apesar do respaldo da legislação educacional, o número de escolas e professores preparados para utilizar a linguagem teatral é ainda inexpressivo.

Conforme abordamos, trabalhar com atividades teatrais, propiciar esta experiência, implica em mobilizar capacidades e habilidades para a vida do aluno, em toda a esfera social e em toda a sua capacidade de comunicar, interagir e criar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro na vida de uma criança não se dá somente quando ela ingressa na instituição escolar. Desde muito cedo, aprendemos a nos divertir com brincadeiras de faz de conta, cooperando com os de casa, com irmãos e colegas, ou sozinho. Nessas ações, desenvolvemos as percepções de mundo para nos posicionar dentro de determinados papéis no momento da brincadeira e na vida real.

Atualmente, os olhares sobre as artes cênicas têm mudado graças aos incentivos de artistas, das propostas educacionais e de pesquisadores. Entretanto, os estudantes passam pouco tempo de sua vida escolar envolvidos sistematicamente com as atividades teatrais e a linguagem cênica.

A criança não enxerga o teatro apenas como uma diversão ou brincadeira. E dentro de sua expressão artística que ela irá encontrar elementos inteligíveis que a ajudem a contextualizar seu mundo.

As entrevistas realizadas com estudantes que vivenciaram o teatro no município de Cruzeiro do Oeste, dentro de atividades oferecidas em algumas escolas da rede pública, evidenciaram o quão foram importantes as experiências teatrais da infância. Em muitas conversas, tivemos a oportunidade de observar o prazer que o teatro trouxe para cada um.

Como pesquisadoras, professoras e atrizes, observamos muito de nós nos entrevistados, principalmente quando relataram as dificuldades em decorar, comunicar, falar em público e, até mesmo, com a satisfação de experimentar outras personagens.

Ao relacionar as entrevistas com os enunciados de Vygotsky e estudiosos do teatro na educação, percebemos que as relações sociais são essenciais no desenvolvimento da criança. As atividades teatrais, como linguagem, mobilizam a imaginação e a criatividade dentro dos universos das interações sociais.

Os estudantes aprenderam em suas experiências a participarem em grupo, a aperfeiçoarem suas ações, a entenderem suas dificuldades. E esse é o respaldo que o professor deve buscar em seu ensino de teatro: o processo é mais importante que o resultado final.

Pode-se, então, afirmar que o teatro age na zona de desenvolvimento proximal da criança, exigindo, por meio dos jogos e da imaginação, que a mesma se relacione com os outros e participe do que é proposto. Isso só vem aperfeiçoar as

atividades que contribuem para a construção crítica, de valores, e construção de novas visões de mundo.

Por isso, o ensino de teatro é recomendado para a formação das pessoas. As práticas teatrais promovem o desenvolvimento da imaginação e da linguagem e contribuem para a apreensão de muitos processos que podem não ser reconhecidos nas atividades de sala de aula.

É lamentável, entretanto, que no município de Cruzeiro do Oeste as atividades teatrais tenham sido excluídas ou relegadas a um terceiro plano minadas de dentro da escola. Espera-se que esse trabalho ajude e contribua na conscientização dos educadores para a reversão desse fato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Guanabara, RJ: Koogan, 1981.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.

BARROS, Edlucia; CAMARGO, Robson; ROSA, Michel. Vigotski e o teatro: descobertas, relações e revelações. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 16, n. 2, p. 229-240, abr./jun. 2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 29 de mai. 2013.

CURATOLO, Rafael Aloise. **O papel dos jogos teatrais, enquanto práticas da cultura corporal, na formação de crianças na escola**. Disponível em: <<http://www3.fe.usp.br/secoes/semana08/completos/sessoes/rac.swf>>. Acesso em: 25 de mai. 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Aline Fernandes. **A importância do brincar no cotidiano das Crianças na educação infantil**. Bauru: UNESP, 2008.

JAPIASSU, Ricardo. **A Linguagem Teatral na Escola: Pesquisa, Docência e Prática Pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MACHADO, Maria Clara. **A aventura do teatro e como fazer teatrinho de bonecos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa** – Características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em administração. São Paulo. V.1, N. 3, p.1-5,2 semestre. 1996. Disponível em: <<http://www.regeusp.com.br/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 8 de Ago. de 2013.

NEVES, Libéria; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. **O uso dos jogos teatrais na educação diante do fracasso escolar**. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 2009.

OCHOA, Pedro; MESTI, Regina. Teatro na escola: linguagens e produção de sentido. In: **Anais do 16º. COLE**. Campinas: Unicamp, 2009. s/p.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Arte**. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_ar_te.pdf>. Acesso em: 01 de Set. 2013.

PRESTES, Zoia. **A brincadeira de faz-de-conta como atividade-guia**. Disponível em: <http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2011_11.23.25.5523439fc322d424a19c109abd2d2bb9.pdf>. Acesso em: 02 de jul. de 2013.

REVERBEL, Olga. **Oficina de teatro**. 3. ed. Porto Alegre: Kuarup, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____.LURIA, Alexander. LEONTIEV, Alexis. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 1º ed. São Paulo: Ícone, 2006.

NOTAS SOBRE AS AUTORAS

- Loane Nayara de Paula é graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá – Campus Cianorte. É professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Umuarama Email: loanenayara@hotmail.com

- Fabiana Aparecida de Carvalho é professora do Departamento de Biologia da Universidade Estadual de Maringá, Mestre em Educação, Doutoranda em Educação para as Ciências, Licenciada em Ciências Biológicas e Licencianda em Artes Cênicas. Email: facarvalho@uem.br